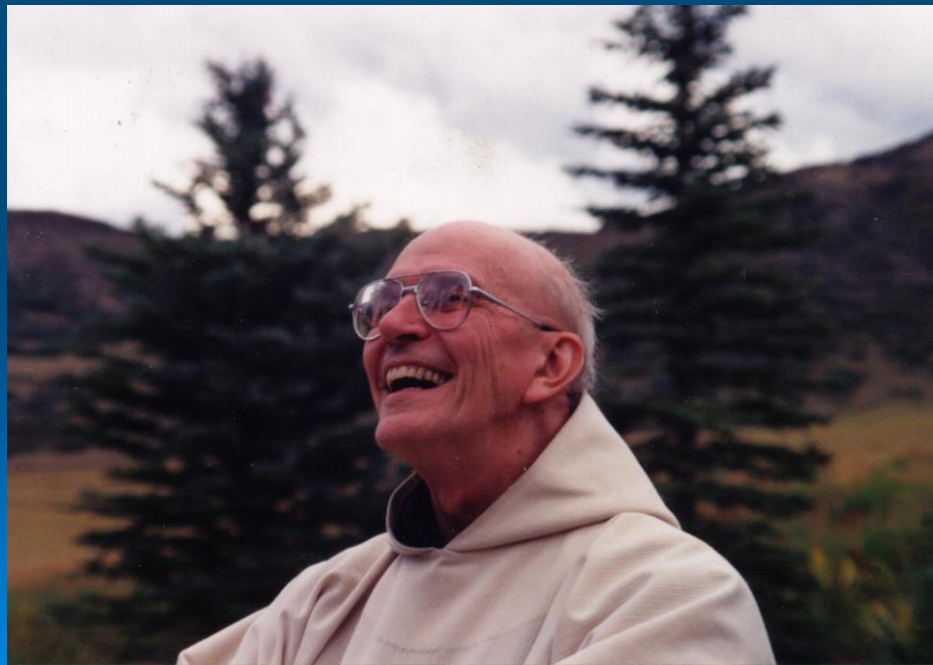


A Condição Humana (Contemplação e Transformação)

**Leitura comentada do livro de Dom
Thomas Keating, OCSO**



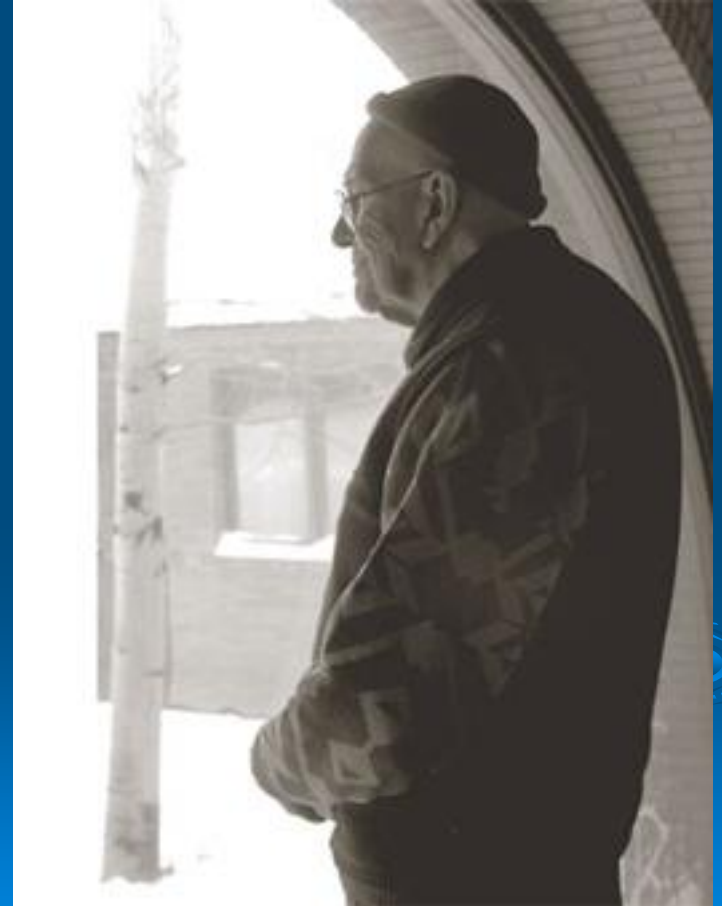
Sumário

- **Perguntas essenciais na jornada espiritual:**
 - Onde está você? (primeira parte da jornada)
 - Quem é você? (segunda parte da jornada)
- **A plenitude da condição humana**
- **Enfermidade da condição humana**
- **Como a jornada espiritual nos abre à cura
(terapia divina)**



Onde está você?

“O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, e disse-lhe: ‘Adão, onde estás’? E ele respondeu: ‘Ouvimos o ruído dos vossos passos no jardim e tivemos medo, porque estávamos nus; e nos escondemos.’ O Senhor Deus disse: ‘Quem te revelou que estavas nu?’” (Gen 3, 8-11)



Esta história maravilhosa da criação não é apenas a respeito de Adão e Eva...

Ela é, realmente, sobre nós. É uma revelação de onde *nós* estamos.

A mesma pergunta é endereçada a cada geração, em cada tempo, a cada pessoa. Em todos os momentos da nossa vida. Deus está-nos perguntando: “Onde está você? Por que você está-se escondendo?”

Todas as questões que são fundamentais para a felicidade humana surgem, quando fazemos esta cruciante pergunta: “Onde eu estou? Onde estou com relação a Deus, a mim mesmo e aos outros?”

Assim que respondemos honestamente, iniciamos a busca espiritual por Deus e por nós mesmos.

Deus nos convida a encarar a realidade da condição humana, a sair do arvoredo para a luz total da intimidade com ele.

Adão e Eva tinham de esconder-se de Deus porque a perda da intimidade e união que usufruíram com ele no paraíso era muito dolorosa.

Parábola *sufi* da chave perdida

A casa, na parábola, representa a felicidade, e felicidade é intimidade com Deus, a experiência da presença amorosa de Deus.

Essa é a triste condição humana: existir sem a verdadeira fonte de felicidade, que é a experiência da presença de Deus.

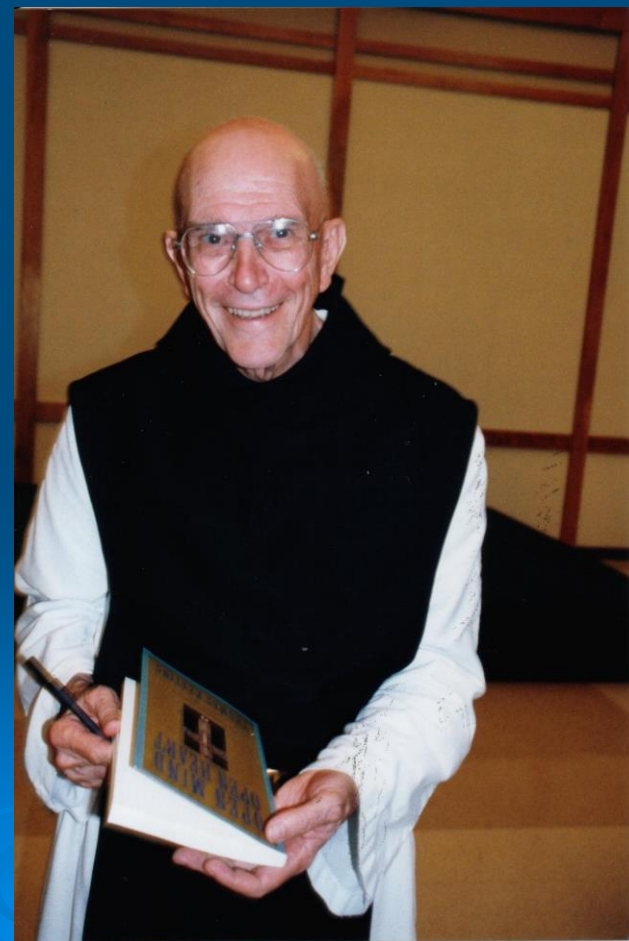
A principal característica da condição humana é que todos estão buscando essa chave, e ninguém sabe onde encontrá-la.

**Em nossa desesperada busca,
procuramos a felicidade onde não é
possível encontrá-la.**

**Todos estão procurando
no lugar errado, onde há
mais luz, prazer,
segurança, poder,
aceitação dos outros.**

Todavia ...

**A chave não foi perdida aí,
mas dentro de nós
mesmos.**



A plenitude da condição humana

A Metafísica e as religiões do mundo atingiram a compreensão de que os seres humanos são concebidos para a felicidade ilimitada, o gozo de toda a verdade e o amor sem fim. Esse desejo espiritual ardente é parte de nossa natureza, como seres com uma dimensão espiritual.

Mas aqui estamos... Com um desejo ilimitado de felicidade e nem a mais leve idéia de onde encontrá-la.

O que nos sucedeu?

Duas explicações

Explicação teológica: Ao tornar-se auto-consciente, a humanidade (como Adão e Eva) passou a sentir-se não apenas separada de Deus, mas também, em virtude do mistério do pecado original, alienada de Deus.

Explicação psicológica: a auto-consciência emerge gradualmente, em cada pessoa, através dos vários estágios do seu desenvolvimento como criança. Somente entre os doze e catorze anos começa a plena consciência auto-reflexiva. Nesse processo, sem experiência prática da presença de Deus em nós, procuramos pela felicidade em outro lugar.

A condição humana enferma

Embora a jornada espiritual seja, primordialmente, um processo conduzido pela Graça, as descobertas da psicologia sobre o inconsciente podem ser de grande ajuda para as religiões, trazendo certa clareza à compreensão da condição humana.

Todos nós passamos pelo processo de nascer e entrar no mundo com três necessidades biológicas essenciais: segurança e sobrevivência; poder e controle; afeição e estima. Sem um adequado atendimento dessas necessidades biológicas, provavelmente não sobreviveríamos à infância.

Privada de uma consciência reflexiva e da experiência de Deus, a criança elabora nesse estágio programas para a felicidade inteiramente voltados para o atendimento (real ou não) daquelas necessidades essenciais.

Processos compensatórios na infância

Crianças privadas das necessidades de segurança, afeição e controle desenvolvem um impulso desesperado para encontrar mais e mais símbolos dessas necessidades humanas básicas em sua cultura. Isto é chamado compensação.

Pode também acontecer que, quando as experiências da primeira infância são insuportáveis, elas sejam reprimidas no inconsciente. O corpo parece ser uma espécie de depósito, no qual todas as nossas experiências, o conjunto de nossas vidas, são registradas.

Com a idade de quatro ou cinco anos começamos a nos sociabilizar, interiorizando os valores de família, religião, etnia, nacionalidade, sexo etc. Mas a identificação excessiva com o grupo a que pertencemos pode ser um fator complicador.

O “ser caseiro” ou o falso ser

A necessidade de esconder a dor que sofremos no início de nossa vida e que não podemos enfrentar é imperativa. Assim, nós reprimimos as lembranças dentro do inconsciente para alcançar uma aparente libertação da dor.

Somos impelidos pelas circunstâncias para uma situação de desenvolver um “ser caseiro” que não se amolda à realidade.

O “ser caseiro” ou falso ser, como é usualmente chamado, é programado para a miséria humana.

Essas construções da primeira infância continuam a exercer enorme e perturbadora influência ao longo de toda nossa vida, a menos que as encaremos, procurando desmontá-las ou moderá-las pelo exercício da razão (na tradição cristã, isso significa a prática da virtude).

Convite à mudança

A distorção da natureza humana torna-se habitual e é apoiada, como no caso dos discípulos do mestre sufi, por outras pessoas que estão fazendo a mesma coisa – procurando encontrar a felicidade onde é impossível achá-la.

Quando Jesus disse: “Arrependei-vos!” para seus discípulos, ele os estava instruindo a mudar a direção na qual estavam buscando a felicidade.

“Arrependei-vos” é um convite a crescer e tornar-se um ser humano plenamente amadurecido, capaz de integrar as necessidades biológicas com o nível racional de consciência.

Mudanças reais e mudanças incompletas

Mesmo quando nos convertemos aos valores do Evangelho e passamos a fazer o melhor possível para moderar os excessos de nossa desesperada busca por segurança, afeição e estima, poder e controle, nossas atitudes básicas podem continuar as mesmas.

Todos os programas emocionais para a felicidade, nossa identificação excessiva com grupos e os comentários que reforçam nossas tendências inatas, têm raízes no inconsciente tanto como no consciente.

Se não encararmos as conseqüências da motivação inconsciente – por meio de uma prática ou disciplina que nos abra ao inconsciente – então aquela motivação influenciará, secretamente, nossas decisões por toda a vida.

Como começar

Precisamos de disposição para nos expormos ao inconsciente. Isto requer alguma coragem e persistência. Emoções são energia, e precisam ser expressas de algum modo para serem processadas ... Caso contrário, passam a bloquear, em nosso corpo e sistema nervoso, o livre fluxo de nossos processos energéticos e da Graça.



Alguns cuidados

Quando não estamos pensando, analisando e planejando e nos colocamos na presença de Deus com fé, nós nos abrimos ao conteúdo do inconsciente. Precisamos fazer isto gradualmente, para não sermos arrebatados por uma explosão incontrolada de emoção. Devemos respeitar o inconsciente e nos aproximar dele com prudência.

Quem está envolvido numa prática contemplativa de oração necessita de orientação. Mas, infelizmente, nem todo guia espiritual que encontramos pode dá-la.

O mais importante é a fidelidade à prática diária de uma forma de oração contemplativa como a Oração Centrante. Assim seremos expostos gradualmente ao inconsciente, a uma intensidade que podemos suportar, confiados à direção do Espírito Santo.

Sobre a oração contemplativa

A oração contemplativa é um aprofundamento da fé que nos move além de pensamentos e conceitos. Apenas escutamos Deus, abertos e receptivos à divina presença em nosso ser mais profundo, do qual ele é a fonte. Escutamos não com a intenção de ouvir algo, mas de nos tornarmos conscientes dos obstáculos que se colocam à nossa amizade com Deus.

A oração contemplativa começa modestamente, mas logo que alcança certa identidade ela nos abre ao inconsciente. Memórias dolorosas que havíamos esquecido ou reprimido começam a aflorar à consciência. Emoções primitivas que sentimos quando crianças e que vínhamos compensando podem chegar ao consciente.

Lidando com as emoções aflitivas

Como devemos lidar com essas emoções aflitivas?

Tomando consciência delas, sentindo-as. Sentimentos que foram reprimidos devem ser autorizados a passar novamente por nossa atenção para serem deixados para trás para sempre. Na maior parte dos casos eles não exigem psicoterapia. Apenas precisam ser evacuados.

Na oração contemplativa o repouso que experimentamos é tão profundo que permite às nossas defesas internas relaxar. O corpo pode decidir, então, livrar-se dos bloqueios emocionais para sempre. Primitivas emoções e memórias intoleráveis podem aflorar com força, mas logo tudo se acalma.

Atenção à Presença e à Palavra

A oração contemplativa começa a nos tornar conscientes da presença divina em nós, a fonte da verdadeira felicidade. Logo que começamos a saborear a paz que vem da prática regular da oração contemplativa, ela relativiza todo o mundo irreal de demandas e reprimendas, de aversões e desejos baseados nos programas emocionais para a felicidade – que poderiam ter funcionado para crianças, mas estão, de fato, nos matando.

Deus é existência. Em tudo que existe, Deus está presente. A grande realidade é a presença de Deus. O problema é que somente temos acesso a essa presença na medida em que nossa vida interior estiver em sintonia com ela. Daí a importância, na tradição cristã, de escutar as Sagradas Escrituras, abertos ao Espírito. Isto é muito mais do que perscrutar o seu sentido literal.

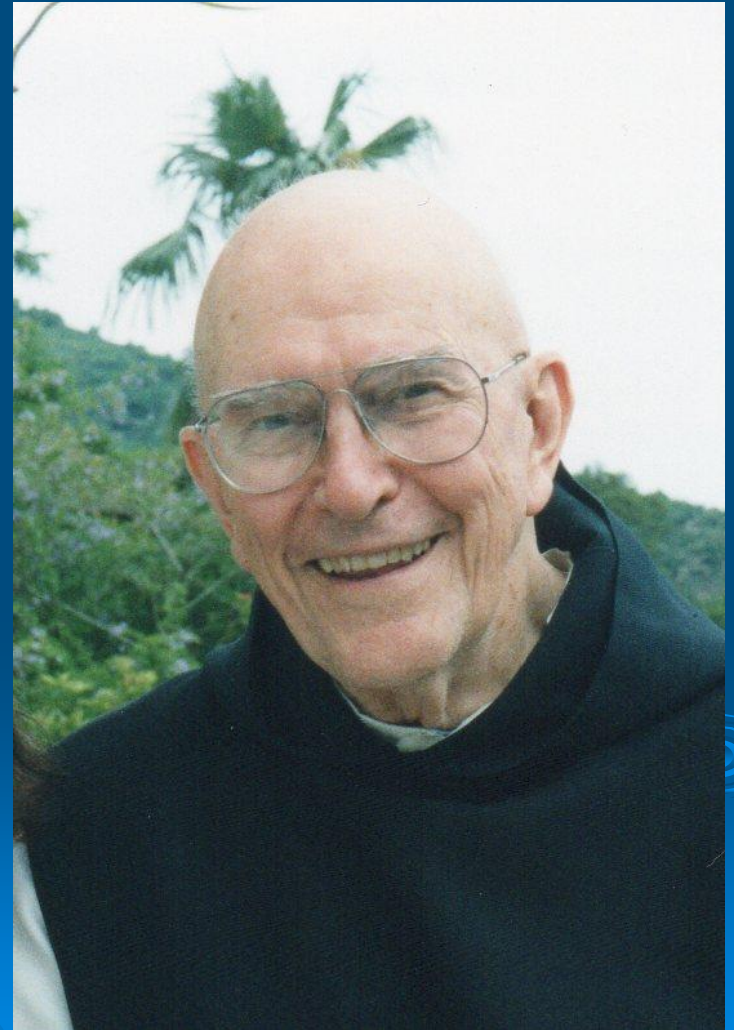
A transformação como meta

A jornada contemplativa não é um tapete mágico para conduzir-nos à beatitude. Por envolver a purificação do inconsciente, ela é um exercício de abandono do falso ser – um processo de humilhação, porque esse é o único ser que conhecemos.

Deus se aproxima de nós por meio de muitas diferentes perspectivas, inclusive a doença, infortúnio, falência, rejeição, provações interiores... Em vez de procurar libertar-nos daquilo que interfere com nossa vida humana ordinária, o Espírito nos chama a uma transformação do nosso ser mais profundo – e, na verdade, de todas as nossas faculdades – para ajustá-los ao modo divino de ser e agir. Os Padres gregos chamavam este processo de *deificação*.

Aproximando-se de Deus

Deus nos convida, através do Evangelho, a uma aventura de fé, esperança e amor que envolve a nossa apresentação à vida interior de Deus. O mesmo amor incondicional que se move em Deus passa a mover-se em nós pela Graça, suplantando o ego humano com o “Eu” divino. Começamos a manifestar, na vida diária, não nosso falso ser e nossos preconceitos, mas a infinita ternura de Deus.



A segunda grande questão da jornada

- O Evangelho nos apresenta a terapia divina para a cura da condição humana sob a forma da oração contemplativa, que se dirige não apenas às distorções do nosso comportamento consciente, mas também à dinâmica do inconsciente. A contemplação nos mune de coragem para encarar a segunda grande questão da jornada espiritual: “Quem é você?”
- Como no programa dos Alcoólicos Anônimos, a terapia divina tem início quando constatamos que, embora sabendo onde estamos, nossa vida escapa ao nosso controle. Podemos até ser capazes de levar vidas relativamente normais, mas não temos a experiência da verdadeira felicidade que surge da dissolução dos obstáculos à consciência da presença divina em nós.

Investigando quem somos

A Oração Centrante não é um fim em si mesma, mas o repouso profundo que oferece solta as raízes das ervas daninhas de uma vida inteira. Quando nossas defesas se reduzem, emerge o lado escuro de nossa personalidade, juntamente com a percepção de quão imersos estamos em nosso condicionamento cultural.

Passamos a primeira metade de nossas vidas procurando um papel – o de mãe ou pai, de professor, médico, ministro, soldado, negociante, artesão etc. O paradoxo é que nunca poderemos, de fato, cumprir o nosso papel enquanto não formos capazes de nos desapegar dele. O que quer que pensemos que somos, não somos isto. O melhor caminho para chegar a esse ponto é a jornada espiritual.

Desapego dos papéis e entrega

Enquanto estivermos identificados com certo papel ou persona, não seremos livres para manifestar a pureza da presença de Deus. Devemos desapegar-nos de qualquer papel com o qual nos identifiquemos, mesmo os mais dignos. O Papel não é você. Suas emoções não são você. Seu corpo não é você. Se não é nada disso, quem é você? Esta é a segunda grande pergunta da jornada espiritual.

O repouso, na Oração Centrante, nos oferece uma cura profunda. Para ser, de fato, curados, é necessário que deixemos nosso lado sombrio chegar à plena consciência, e em seguida abandoná-lo e oferecê-lo a Deus. A terapia divina é um acordo que fazemos com Deus. Reconhecemos que nossas próprias idéias de felicidade são inadequadas, e oferecemos nossas vidas inteiramente a Deus.

Tornar-se palavra de Deus

O abandono completo do seu papel por alguém equivale a não ter um ego como ponto fixo de referência; é a liberdade de manifestar Deus através do modo único de sua própria pessoa. Isto pode parecer o fundo do poço. Mas, na jornada espiritual, o fundo é também o topo. Não ser ninguém é também ser tudo. Em certo sentido, é ser Deus.

Para os cristãos, é ser uma espécie de Quinto Evangelho: tornar-se a Palavra de Deus e manifestar Deus ao invés do falso ser, com seus programas emocionais para a felicidade e o apego a vários papéis, inclusive os mais espirituais. Quando você estiver liberto deles todos, estará em um espaço que é, ao mesmo tempo, vazio de egos e cheio de Deus.

